

Rita
Redshoes

CRESCER
À SOMBRA



Dedicado aos meus avós

I

Doença, a salvação

Tenho mentido, mentido e mentido com quantos dentes vou tendo na boca. Não é por querer, é simplesmente por necessidade. É uma questão de sobrevivência.

Tenho nove anos e a minha dentição tem sido variável.

Olho muitas vezes para o céu à noite e dá-me uma comichão dentro da barriga. Fico atordoada, porque o céu é escuro e enorme e, acaso caísse, eu ficaria embrulhada, sufocada pelas estrelas. Não me lembro, mas devo ter sentido algo semelhante no momento em que nasci. A parteira estava com uma pressa danada de me trazer ao mundo e puxou-me com tal força de dentro da minha mãe que me descolou uma perna.

O médico, depois de me examinar, anunciou a grande catástrofe:

— Vai ter de ficar engessada até fazer um ano e poder ser operada. Mesmo assim, é possível que não fique bem e será coxa.

Por sorte, no dia seguinte, apareceu outro médico enviado por Deus (segundo me foi dito), que desmentiu o primeiro:

— A menina não precisa de gesso, precisa é de usar esta fralda.

Nos meses seguintes tive de andar dia e noite com uma fralda rígida por cima da fralda de pano para a perna ir ao sítio. E assim era eu, uma bebé com as pernas em V. No álbum de família, na fotografia do sofá castanho, em cima da cama com a colcha de folhos, na relva do jardim dos patos, sempre, a menina em V. Uma espécie de boneca de porcelana defeituosa.

A minha mãe tinha a tarefa de ir apertando a fralda à medida que as semanas iam passando, na esperança de que a coisa fosse ao sítio. Passados seis meses, voltei ao hospital para me fazerem uma radiografia completa. Foi aí que descobriram que, além

da perna fora do sítio, também tinha nascido com espinha bífida e menos uma costela no lado esquerdo do esqueleto.

Talvez seja por estes percalços que me dou bem com doenças e com idas ao médico, exceto quando é para tirar sangue. Nos últimos tempos até ganhei uma certa amizade pelas injeções de penicilina. Mas bons mesmo são os termómetros de mercúrio. Ajudam-me muito a ficar com febre sempre que preciso. Eu tenho vantagens em estar doente e prefiro ser tomada por coitadinha a chamarem-me de criança forte e saudável e ter de pôr os pés na escola todos os dias.

A escola entedia-me, mas sobretudo assusta-me. Tanta criança deixada ali ao deus-dará, horas intermináveis a tentarem sobreviver a insultos, jogos parvos, observações inconvenientes e manobras perversas. Não devia existir escola. O meu sonho era ter aulas em casa. Um professor ou professora vinha cá, sentava-se na nossa sala e ensinava-me o essencial para me safar na vida, depois ia pregar para outro lado, em paz. Ou, então, aprendia com a telescola, como os filhos das pessoas que trabalham no circo e andam de um lado para o outro sem assentarem arraiais em terra nenhuma. A minha avó diz-me que essas crianças não aprendem nada de jeito e o seu destino é seguirem os passos dos pais, pendurados nos trapézios, sujeitos a cair ou morrer com uma dentada de um leão de mau humor. A mim parece-me que levam vidas muito mais divertidas do que a minha, pelo menos até ver.

Mas com esta minha descoberta, a de dar umas pancadinhas na base do termómetro e o mercúrio subir desenfreado até aos trinta e oito graus, os meus dias melhoraram substancialmente. Ponho um bocadinho de batom nas bochechas, espalho com zelo para ficar corada da febre e ninguém desconfia da minha farsa.

— Coitadinha, anda sempre doente, a menina, qualquer dia é operada às amígdalas e acaba-se este martírio.

Esta é a conversa da minha mãe.

Bom, se tivermos de chegar a esse ponto, a coisa muda de figura, à faca é que não vou, isso é mais que certo. Até lá vou-me safando como quero.

De modo que passo os dias com momentos encenados de febre e dores de garganta, deitada no sofá da sala ou na minha cama. É-me dado um analgésico, a maior parte das vezes em supositório, que aceito como uma espécie de castigo justo, espero que o medicamento surta o seu suposto efeito para depois me levantar e brincar ao que me apetecer.

A minha inspiração para esta estratégia de sobrevivência veio do quadro pendurado na parede em frente à cama dos meus avós. Uma menina, de cabelo loiro aos caracóis, está deitada sobre lençóis brancos como cal. À sua direita está outra menina, mais velha, de olhar atento e ternurento, inclinada sobre o seu corpo, como que a perguntar-lhe como a pode salvar. Do lado esquerdo, suspenso no ar, está um anjo de asas douradas, que talvez passe despercebido a ambas, com uma das mãos em cima da cabeça da menina doente. Não tenho a certeza de que seja o seu anjo da guarda, mas fico mais descansada acreditando que é. Aquela menina sou eu. Sim, sou eu, mas a mim nunca me apareceu um anjo e eu rezo-lhe todas as noites: «Anjo da guarda minha companhia, guarda a minha alma de noite ou de dia.»

Não sei se é «ou» ou «e de dia», não deve fazer grande diferença.

Tenho consciência de que os meus pais se preocupam com a minha saúde, e não é minha intenção deixá-los aflitos ou dar-lhes cabo do juízo, mas tenho de manter esta estratégia para sobreviver. Eles não sabem do perigo que corro. Posso mesmo morrer. A ideia de entrar na escola com os miúdos todos a olharem para mim mata-me de susto, tal e qual como acontece aos coelhos. Ao que parece, são os únicos animais que morrem de susto, o coração não aguenta e... *puf!* Começo a sentir calor na cara, a ficar vermelha, com o coração acelerado e os joelhos aos tremeliques. Dentro da minha cabeça, oito mil vezes

atropelam-se umas às outras e dizem coisas como: «És horrível, olha-me só para ti, és uma coitada, não faças essa cara, não digas nada que te envergonhe, a tua roupa é ridícula, e esse cabelo? Fica calada, não dês nas vistas, aquele miúdo ali está a rir-se de ti e aquela ali também.»

Depois vêm as dores de barriga, a vontade de vomitar e o aperto no peito. Acabo a maior parte das manhãs sentada num tampo de sanita de alguma das casas de banho à espera de ouvir o toque de início das aulas. Entro na sala aos trambolhões e sento-me encolhida no lugar que fica praticamente tapado por uma coluna de cimento ao pé da janela e que considero uma bênção deixada por quem o construiu. Deixo-me estar, de olhos postos na secretária, até chegar a hora do almoço e poder voltar para casa.

Do que gosto mesmo é de estar sozinha a pensar nas minhas coisas, e sinto em mim a certeza inabalável de que nasci para andar por aí e não para estar fechada numa sala a fazer o que me mandam. Muito menos para ser enxovalhada por um bando de crianças ranhosas e detestáveis, e ouvir matérias irrelevantes para o propósito da vida.

Já fui gozada tantas vezes, a maior parte delas por causa da minha honestidade. Certo dia, a professora Helena resolveu perguntar que profissão gostaríamos de ter quando fôssemos adultos. Respondi a verdade, que queria ser reformada, por me parecer a melhor profissão do mundo, tendo em conta a vida que os meus avós levam. Passam os dias em casa, ao seu ritmo. Ora, é disso mesmo que preciso. De certa forma, estar doente a fingir assemelha-se um pouco à vida de reformado. Mas a verdade é que me chateia ter de fazer este jogo duplo, não gosto de mentiras, mas não tenho alternativa. Carrego alguma culpa dentro de mim, mas decidi que é um preço que estou disposta a pagar.

É claro que as férias são as melhores alturas do ano. Raramente tenho febre, como é óbvio, mas convém-me manter a farsa

para não dar muito nas vistas. A diferença de poder brincar na rua é tremenda. Passo a maior parte do tempo a explorar as redondezas da aldeia, sobretudo os campos de feno, a quinta abandonada com a floresta ao lado, na companhia da minha melhor amiga, a Sara. Eu adoro esta minha vida, esta, não a de criança certinha que vai à escola, que faz os trabalhos de casa e que sorri quando a professora diz o seu nome. Adoro viver onde vivemos, a minha casa, o meu quarto. Adoro a minha família, exceto a minha irmã, a ela apenas suporto.

Não sei como explicar, mas sinto que a vida tem grandes planos para mim.

II

Roseiras mágicas

A minha avó é, de longe, a pessoa mais sociável cá de casa. Tem várias amigas com quem passeia ou conversa todas as semanas, cumprimenta toda a gente com quem se cruza na aldeia e, ao que parece, também a consideram uma ótima confidente. Mas a sua melhor amiga chama-se Salomé e é cega de nascença. Tem os olhos mais bonitos que alguma vez vi. Azuis e brancos, como se alguém com um pincel tivesse tentado misturar as duas cores num recipiente. Só tem um irmão e uma sobrinha, filha desse irmão, no mundo, mais precisamente no Brasil. Vive sozinha. Cega e sozinha. Às vezes acompanho a avó a casa dela e fico fascinada com a arrumação. Na sala tem um sofá em veludo e um rádio embutido num móvel bonito de madeira trabalhada. Não tem televisão, mas adora ouvir rádio, é a sua grande companhia, gosta sobretudo de programas com músicas antigas que me dão vontade de chorar. Lembro-me dela várias vezes ao dia, quer dizer, ponho-me a imaginá-la a cirandar pelas divisões da casa com as mãos magras a roçarem nas paredes e a bater com a ponta dos chinélinhos nos rodapés.

Hoje é dia de escrever a carta ao irmão. Ela dita à avó as novidades e as perguntas do costume. Depois seguimos para os correios e eu enfio o envelope pela ranhura ao pé da porta.

— Vá, vai direitinha ao teu destino.

O destino é uma terra perto da grande floresta da Amazónia. Ao que parece, não existem telefones por lá, então, dão os recados uns aos outros através de rádios comunitárias, ou lá como se chamam. Alô, alô, a D. Salomé, de Portugal, deseja um feliz Natal ao seu irmão e sobrinha. Diz também que está de boa

saúde e que os terrenos dos tios vão finalmente ficar à venda. Saudades e beijinhos.

Todas as manhãs a avó vai buscá-la a casa (três casas ao lado da nossa) e seguem rumo à praça. Têm uma regra: ninguém volta de lá sem trazer um ramo de flores frescas que varia consoante a estação.

— Oh, que cheiro bom. O que são? Não digas. São romãs!

Além dos olhos (iguais a um dos berlindes de um miúdo parvo da escola) e dos chocolates que me oferece, usa vestidos com saias rodadas, oh, vestidos de saias rodadas...

Três casas acima da da D. Salomé há uma outra em pedra, enorme, de quatro andares, garagem e quintal com capoeiras, que estava à venda há vários anos. Disse-me a avó anteontem que foi finalmente comprada. Ouviu dizer que por um casal de médicos com dois filhos, um mais ou menos da minha idade, portanto, com nove anos, e o outro ligeiramente mais velho.

— Queridinha, passas muito tempo a brincar só com a Sara, era bom fazeres mais amigos — disse a minha avó — Não gostavas de conhecer os tais dois irmãos novos na aldeia? Podias mostrar-lhes as redondezas.

— Avó, eu não gosto de crianças.

Passados uns dias já ela se tinha inteirado da dinâmica familiar, sabia que as crianças passavam algum tempo sozinhas em casa devido aos turnos dos pais no hospital. Comecei a pensar que talvez a Sara achasse divertido acrescentar dois rapazes às nossas explorações, afinal dizia-se que os homens tinham mais força, isso podia dar-nos jeito nas nossas aventuras, e, além do mais, aquele era o meu território, eles estariam em desvantagem, mansos.

Enquanto esperava que a mãe da Sara a deixasse vir para a rua, ganhei coragem e comecei a cirandar pelas redondezas, na esperança de ser vista e convidada para brincar. Foi precisamente o que aconteceu logo a seguir ao almoço. Pus-me a andar

de bicicleta junto ao muro da casa e lá estavam eles sentados na varanda a ver as vistas.

A dada altura, o mais novo desceu e veio até o muro.

— És a Marta, não és? Queres vir ver uma coisa estranha que acontece no nosso quintal? — Larguei a bicicleta e disse que sim. Abriu-me o portão e deixou-me entrar. — Sou o Pedro, e ele é o Miguel.

O Miguel veio ao nosso encontro com um ar sério.

— Sabes que nascem diamantes nas nossas rosas? — continuou o Pedro. — Nenhum de nós sabe explicar como e porque é que isto acontece. Ainda não contámos aos nossos pais. Aliás, tu estás a ser a primeira a saber. Ora espreita aqui.

Aproximei-me de uma das flores e, de facto, mesmo no centro da rosa, estava uma pedra brilhante e ao mesmo tempo transparente em formato de losango. Fiquei abismada com aquilo. Nunca tinha visto ou ouvido falar de semelhante fenómeno. Como é que era possível rosas darem à luz diamantes?

— Não podes contar a ninguém, sobretudo a nenhum adulto, temos medo de ir presos. Não sabemos como é que isto acontece e podem pensar que andamos a roubar pedras preciosas, o que não é verdade. Os nossos pais também não sabem. Achamos que é durante a noite que as pedras nascem, porque de manhã há sempre mais.

Então, mas se por acaso fossem realmente diamantes, isso queria dizer que em breve eles ficariam ricos. Será que já lhes ocorrera? Não percebia bem o que estava a sentir, mas havia qualquer coisa naquela dupla de irmãos que não me inspirava confiança, embora eles tivessem provas a sustentar a história. Por outro lado, via-se que havia muita cumplicidade entre eles, ao contrário de mim e da minha irmã. Apercebi-me disso pela troca de olhares e pelos sorrisos contidos. Fiquei com receio de que pudesse ser um plano para me fazer a folha ou simplesmente gozar comigo. Achei melhor pôr-me a pau e disse-lhes confiante:

— Podem confiar em mim. Não vou dizer nada a ninguém, sou um túmulo ambulante.

Zarpei dali e assim que cheguei a casa tive a tentação de contar tudo aos meus avós, sobretudo ao meu avô, por ter sido um aventureiro na sua juventude, e ter trabalhado na Alemanha e na África do Sul. Podia lembrar-se de ter ouvido uma história semelhante noutra canto do mundo. Mas mantive-me em silêncio por dois motivos: primeiro, por causa do pormenor da polícia, não fosse um dia a minha família acordar com pancadas na porta do sargento Nunes para me levar para a esquadra; segundo, tinha a expectativa de ser alvo de um ato de caridade por parte da dupla de irmãos e eles cederem-me uma pedra preciosa, perfeita para um colar, que ofereceria à mãe. Em última instância, se nenhum dos dois cenários se concretizasse, restava-me esperar e ver se aparecia no jornal da terra a notícia das roseiras mágicas.

III

Beijos

Resolvi começar a escrever um diário, mas tenho de tomar precauções.

A minha irmã é seis anos mais velha do que eu, adora vasculhar as gavetas da minha secretária e patrulhar o que faço, mas graças a Deus não gosta de ler. Aliás, é um zero à esquerda em quase todas as disciplinas da escola. Só se preocupa em seduzir rapazes e falar de parvoíces com as amigas. O meu problema, ao contrário do da minha irmã, são precisamente os rapazes e as raparigas. São muitos, são chatos, cruéis e alguns muito burros.

Queria ser como a minha irmã (mas não lhe digo!) e sentir-me bem na escola, entrar pelos portões confiante, sem medo de ser gozada. Mas sou um desastre. Ainda ontem tropecei não sei em quê e caí de joelhos à frente de um dos grupos de raparigas do sexto ano. Desataram a rir, agarradas umas às outras, com os dedos cheios de unhas pintadas apontados para mim. De lágrimas nos olhos, levantei-me a custo, calças rasgadas e mãos esfoladas, e corri para o corredor mais escuro, o corredor dos esquisitos, perto dos cacifos. Senti-me como se me tivessem roubado o chão de debaixo dos pés e me estivessem a apertar o peito contra uma parede escura, sem janelas nem orifícios por onde entrar ar.

Quando cheguei a casa, decidi recorrer ao santinho da minha avó e fazer-lhe uma espécie de promessa:

— Se me ajudares a não voltar a cair nesta aflição, numa vergonha como esta, passarei a arrumar o meu quarto todas as manhãs, a estar em casa à hora que me dizem e a tentar ir vários dias seguidos à escola.

Não faço ideia se me ouviu.

Desde que me lembro que a avó tem este santo pousado na mesa de cabeceira. À frente dele está uma chávena com café para ir bebendo durante o dia. Ela muda-lhe o café todas as manhãs. Costumo ir lá espreitar para ver se vai diminuindo e a verdade é que vai, a prova é a marca que vai aparecendo à medida que ele o vai sorvendo. Não sei que tipo de conversas têm ou se alguma vez ele lhe terá resolvido um problema, provado a sua eficácia, mas ela é-lhe muito devota.

— Vó, porque é que ele gosta tanto de café?

— É para ficar mais tempo acordado.

Não fazia ideia de que os santos dormem.

O meu avô não liga nenhuma à religião, nunca pôs os pés numa missa e só se deu ao trabalho de entrar numa igreja para casar. Quer ser cremado e sem conversas de padres à mistura. Isto dá algum desgosto à minha avó, claro está, porém não parece ser um problema entre eles. O meu avô é tão inteligente, só foi à escola durante três anos, mas faz contas de dividir e multiplicar de cabeça num instante. Costuma ser ele a ajudar-me nos trabalhos de casa, desde que me recusei a fazê-los com a minha irmã. Na altura em que ainda andava às aranhas com a leitura, a imbecil ofereceu-se para escrever umas frases simples para eu ir treinando, mas eram todas deste género:

Não dev... devias, devias, ter nas... ci... do. És mima... da. Só gos... tam, gostam de ti.

Insuportável.

O único problema com o meu avô é o de não ter grande paciência para as minhas distrações. Não consigo ficar atenta aos exercícios, começo a fazer-lhe perguntas sobre as suas viagens aos países por onde andou. Conta uma ou outra coisa sobre os tempos na Alemanha, sobre o Muro de Berlim, mas acaba rapidamente com a conversa, dizendo:

— Vá, menina, agora é para acabar os trabalhos de casa.

Acho que o meu avô teria dado um bom médico, digo isto porque há uns dias o meu boneco que gatinha deixou de o fazer. Também deixou de virar a cabeça e dizer mamã. Fiquei desolada, o meu bebé não reagia a nada. Não comia, não bebia, não queria colo, não voltava à vida. Ao almoço, não consegui conter as lágrimas, escorriam-me pela cara abaixo com tanta velocidade que, ao caírem no prato, faziam barulho. O meu avô apercebeu-se e perguntou-me o que se passava.

— É o meu bebé, parece estar morto.

— Onde está o teu bebé, queridinha?

Levantou-se e foi buscá-lo ao meu quarto. Veio com ele debaixo de um braço e anunciou que à tarde iria operá-lo. Passou grande parte da tarde na garagem, com o bebé em cima da mesa de trabalho, onde costuma arranjar os eletrodomésticos avariados. Eu consegui assistir por uns minutos, depois fugi para o colo da minha avó, ansiosa para saber o desfecho do meu menino.

— Vó, se o meu bebé morrer na operação, achas que o teu santinho o pode ressuscitar?

— Talvez. Nunca lhe pedi nada parecido.

— O que é que já lhe pediste?

— Coisas boas, só coisas boas.

Não sei a que raio de coisas boas é que ela se referia. Coisas boas como comer pão sem côdea? Ser verão o ano inteiro? Não ter remoinhos na franja do cabelo? Não ter de aturar a minha irmã? Não sei, não faço ideia.

O meu avô tem um grande amigo, o senhor Jaime. Adoro ir ao quintal do senhor Jaime, tem capoeiras cheias de rolas. Dividiu o quintal com as caixas de madeira que contêm os bichos, de tal maneira, que parece que andamos num labirinto. É lá que costumo brincar às escondidas, enquanto os dois conversam sobre o passado e sobre o Benfica. Há uns dias, o senhor Jaime disse-me que a neta o vinha visitar e passar uma semana lá a casa.

— É da tua idade e já lhe disse para brincarem.

Chama-se Amélia e o cabelo é da cor das cenouras. Tem uns olhos gigantes e um sorriso desdentado. Entrou pelo meu quarto adentro como se fosse um hábito fazê-lo e sentou-se ao pé da casa das bonecas.

— Com qual é que vais ficar? — perguntou-me antes sequer de me perguntar o nome.

— A minha preferida é esta aqui.

Escolheu a boneca mais extravagante que eu tinha. Mudou-lhe a roupa e os sapatos e prendeu-lhe o cabelo num carrapito no alto da cabeça.

— Queres antes brincar aos pais e às mães?

Disse-lhe que podia ser, mas com dúvidas de quem seria quem, visto sermos as duas meninas.

— Quem é a mãe? — perguntei com timidez.

— Tu vais ser o pai.

Não fiquei contente com a resposta, mas, para não arranjar sarilhos, aceitei.

— A primeira coisa que vamos fazer é casarmo-nos para depois podermos ter bebés.

Fez o discurso do padre e, no final, deu-me um beijo prolongado na boca. Em menos de nada, ficou com uma barriga enorme, a gritar comigo para ligar para a ambulância. Liguei e corremos pelo quarto até ao hospital. O bebé nasceu sem problemas e voltámos para casa nesse mesmo dia.

— É lindo, o nosso bebé! Vá, troca-lhe a fralda para eu aquecer o leite.

Fiz tudo o que me ordenava, sentia-me mais uma criada do que um marido.

— Agora são horas de dormir.

Deitámo-nos em cima da cama e abraçou-se a mim, como às vezes o papá faz com a mamã. Eu sentia-me desconfortável, e quis acabar com aquela brincadeira rapidamente. Não estava a gostar

da sequência dos acontecimentos e claramente não sabia fazer de pai, sempre tinha sido a mãe, nunca o pai. Eu? Como é que eu poderia ser um pai?

— Podemos brincar a outra coisa?

— Hum... Podemos, mas temos de nos despedir desta família.

A despedida implicou mais um beijo na boca. O sabor dela era estranho, era doce e salgado ao mesmo tempo e não tinha cheiro.

A neta do senhor Jaime ficou o resto da semana por lá, mas nunca mais veio brincar comigo. Não me importei. Passei a brincar aos pais e às mães com o meu urso amarelo. Tinha-o recebido num Natal, já nem me lembro qual, e estava para ali encostado a uma das paredes do quarto sem que alguma vez eu lhe tivesse prestado grande atenção. Agora revelava-se um marido exemplar. Carinhoso, disponível, bem-mandado. Os beijos não eram maus, apesar do sabor a pó. Além dos beijos, às vezes, quando me sentia demasiado irritada com a minha irmã, batia-lhe. Levantava-o no ar e dava-lhe murros no estômago. Nunca se queixou nem retribuiu.

Não contei aquela tarde de brincadeira a ninguém. Pensei em contar à Sara, mas achei que ela poderia ficar sentida comigo e desisti da ideia.

IV

Leões e coelhos

A mãe da Sara é uma pessoa muito nervosa. Grita por tudo e por nada, e a Sara e os irmãos, por mais que se esforcem, fazem tudo mal. Todos os dias têm tarefas domésticas: lavar os vidros, o chão dos terraços, tirar ervas daninhas do quintal, limpar as capoeiras e dar de comer aos bichos. Eu tenho pena deles. A mãe trata-os como se não quisesse que eles fossem crianças. O pai raramente está por casa, conduz um camião enorme pelas estradas da Europa e quando regressa pouco ou nada diz, sendo que não tolera gritos nem brincadeiras de espécie nenhuma perto dele.

Há cerca de dois anos a Sara ganhou coragem e falou-me de um tal Leão da Luva Preta. Pelos vistos, ela sempre foi um bebé com dificuldade em adormecer e, certa noite, ainda mal sabia falar, a mãe disse-lhe que existia essa criatura terrível para assombrar os quartos das meninas que lutavam contra o sono. Desde essa altura que a noite se tinha tornado o pior dos inimigos da minha querida amiga. Perguntei-lhe se alguma vez ela o chegara a ver.

— Sim, quase todas as noites o vejo.

Costumava aparecer mesmo ao lado da sua almofada, uma pata com a luva enfiada. Era uma pata enorme, a luva era escura e cheirava a cabedal. Nunca lhe havia tocado, o medo era tão grande que ela mal se mexia depois de se deitar e de a mãe apagar a luz do quarto. Assim que pressentia o bicho, cerrava os olhos e prendia a respiração, até deixar de sentir o que quer que fosse. Pobre Sara. Mas que espécie de mãe deixa um monstro dormir no quarto da filha? Nesse dia, prometi-lhe que haveríamos de dar cabo dele. Quando, não sabia, mas havíamos de lhe chegar a roupa ao pelo.

Lembrar-me do tal Leão da Luva Preta trazia-me de volta a memória do meu coelho morto. Tanto pedi que os meus pais me oferecessem um coelho anão no meu aniversário, dei-lhe o nome de *Francisco*, assentava-lhe mesmo bem. Era preto e junto à boca tinha algum pelo branco. Andava comigo para todo o lado, na gaiola ou ao meu colo. Sentia um carinho inexplicável por ele, que não sentia pela minha irmã, por exemplo. Se me deitava no chão e o punha ao meu lado, lá vinha ele aos saltinhos para cima da minha barriga e andava até me chegar ao queixo. Aninhava-se e ficávamos ali, os dois, sossegados, até um de nós se fartar. Mas depois aconteceu *aquilo*. O acidente. Eu tinha o *Francisco* ao colo, como era habitual, e estava em pé de frente para a televisão, a ver o episódio da *Ana dos Cabelos Ruivos*, em que o Matias (o pai adotivo) morre. E lá estava o caixão, no meio da sala, com a tampa aberta, cheio de flores. Ao lado, a tia Polly chorava com uma cara assustadora na companhia de alguns vizinhos, e a pobre Ana, com um vestidinho preto, estava sentada à janela com um olhar perdido no céu. E se um dia eu fosse a Ana? Sem que conseguisse prever, de repente, o *Francisco* saltou do meu colo e caiu no chão, desamparado. Soltei um grito e foi quando o vi, com as quatro patas abertas, como se tivesse sido espalhado por um peso ou o tivessem passado a ferro, de olhos muito abertos e com uma respiração ofegante. Desatei a chorar, de joelhos ao lado dele, até que a minha mãe veio a correr ver o que tinha acontecido. Deu de caras com aquele cenário horrível. Não consegui tocar-lhe, foi a minha mãe quem lhe pegou com as duas mãos, na tentativa de lhe juntar novamente os ossinhos. Aguentou essa noite, mas na manhã seguinte a minha avó acordou-me com um beijinho na testa e disse:

— O *Francisco* foi para o céu.

— Avó, eu sou tão má! Sou má! Desculpa-me, desculpa.

Sempre fui uma desastrada, não sei cuidar de nada. Estrago os sapatos novos em poucos dias, roo as borrachas dos lápis de carvão, corto o cabelo das Barbies e perco as peças dos *puzzles*.

Mas desta vez, o meu descuido provocou um grande mal. Senti-me enjoada durante dias e passei longas semanas com um peso em cima dos ombros, mas, acima de tudo, com muitas saudades do meu amigo. Assim que chegava a casa só me apetecia chorar, o *Francisco* não estava, não ia roçar o nariz dele no meu, não lhe daria mais beijos entre as orelhas, não teria de limpar a gaiola ou ouvi-lo a mexer-se durante a noite. O meu amigo estava morto e a culpa era minha e só minha.

A Sara sabia como eu sofria com aquele desfecho e sempre que alguma das suas coelhas estava prestes a parir, convidava-me para assistir ao nascimento. Naquele dia, a mãe dela deixou-nos ficar junto à porta da capoeira, em silêncio e sem tocar em nada. Passados alguns minutos, a coelha arregalou os olhos e saiu de dentro dela um bicho sem pelo, de pele muito cor-de-rosa com pequenas manchas. Na meia hora seguinte, a sequência repetiu-se por sete vezes, terminando com a coelha exausta, deitada de lado a observar o sucedido. As crias soltavam uns gemidos bastante agudos e mexiam as pequenas patas muito lentamente.

— Bem, dois deles nasceram mortos. Vão para o lixo. Os outros hão de safar-se — disse a bruxa, quer dizer, a mãe da Sara.

Com frieza, pegou nos dois bichos e atirou-os para o balde, onde também costumava pôr a palha suja. Eu estremei e a Sara ficou com os olhos cheios de lágrimas. A mãe dela arrepiou caminho para a horta e nós dirigimo-nos ao balde para resgatar os dois coelhinhos. Agarrámos nos pequenos corpos, ainda mornos, e guardámo-los na minha bolsa a tiracolo. Corremos até minha casa, embrulhámo-los num cobertor e tentámos aquecê-los com o calor do secador de cabelo. Estava confiante de que iríamos conseguir ressuscitá-los. Tão pequeninos, tão indefesos e lindos. Não era justo, por que razão uns tinham nascido vivos e outros mortos? Quem é que decidia este desfecho? Deus? Penso que Deus também cuida dos animais, portanto, devia ter sido Ele.

— Deus vê tudo — disse-me o padre na catequese.

Eu tenho medo de Deus, esta ideia de ser constantemente observada, de alguém ter acesso aos meus pensamentos, causava-me pavor. Claramente, não sou uma boa menina, minto, finjo, não arrumo o quarto, passei a gostar de dar beijos na boca e matei o meu *Francisco*. Ele deve pensar tão mal de mim, tenho de me ir preparando para quando chegar o juízo final, pois terei um grande castigo à minha espera. Mas ali estava eu, esforçada, a tentar salvar aqueles coelhinhos e redimir-me da minha inaptidão e do meu pecado.

Não conseguimos trazê-los de volta à vida. Passámos o dia com eles na minha bolsa, sempre atentas à sua respiração e à temperatura corporal, em vão. Mas o pior estava por vir; quando chegámos a casa da Sara para lanchar, a mãe perguntou-nos se tínhamos mexido no lixo da capoeira, porque os coelhos mortos tinham desaparecido de lá. Trocámos um olhar aflito e a mãe, num gesto rápido e preciso, puxou-me pela mala e viu o que lá estava dentro.

— Eu não acredito que vocês andam com o raio dos cadáveres atrás!

E nisto abriu a janela da cozinha e mandou os nossos órfãos pelo ar, com tanta força, que foram parar ao grande descampado da parte de trás. Eu sustive o grito de dor que senti no peito e a Sara desatou a correr porta fora. Aquela mulher era pior do que uma bruxa. Agora eu tinha três lutos pela frente. Três lutos de três coelhos.

Tinha tanta pena da Sara, não merecia uma mãe daquelas, sem sentimentos, mais fria do que todo o Polo Norte, e, ainda por cima, cheirava a queijo fresco. Emanava um cheiro ácido que inundava qualquer divisão onde estivesse. Era insuportável. Talvez, se eu falasse com os meus pais e explicasse bem a situação, eles a pudessem adotar, e aí seríamos irmãs, sempre juntas, dia e noite, nas nossas aventuras pela aldeia. Oh, quem me dera. Provavelmente, até era um favor que lhe faziam, ver-se livre de um dos filhos para ter menos trabalho e despesa.

V

Etelvina

Há mães que gostariam de se ver livres dos filhos e há mães que o são sem darem conta. Foi o caso da Etelvina, a rapariga que mora no fim da aldeia, naquela casa só com uma janela. Não sei se lhe posso chamar casa, porque, na verdade, mais parece uma barraca. Chove lá dentro, a porta fecha mal, não tem eletricidade e o chão é de terra.

Sem ninguém saber como, nem ela própria, a barriga da Etelvina desatou a crescer de um dia para o outro. Os rumores eram muitos, várias as teorias, umas mais rocambolescas do que outras. Quem lhe teria feito aquilo? Um forasteiro, um homem de família, um bando de malfeitores? Houve quem lançasse o boato de que tinha sido o candidato a presidente da junta de freguesia.

Ninguém ou quase ninguém falava com a pobre coitada. Vivia esquecida, abandonada ao fundo da aldeia. Mal saía, mas, quando o fazia, era notícia. Tinha um sorriso desdentado, roupas sujas e coçadas, não se lhe conhecia família nem amigos. Diziam que sofria de um atraso mental e que por isso se deviam ter aproveitado dela. Eu tinha muita pena, sentia o coração a ficar pequenino sempre que a via. Às vezes, muito secretamente, deixava-lhe flores que apanhava nos campos, numa das pedras junto à porta, na esperança de ela as ver e achar que lhe eram destinadas. Nunca trocámos uma palavra, mas sempre que a avó ou a mãe lhe iam dar comida, cobertores ou roupa, eu fazia questão de as acompanhar. Ela agradecia-lhes muito, de forma subserviente.

— Será que foi violada? — comentou a Francesa (apelido que a minha avó tinha dado a uma das vizinhas da aldeia) enquanto conversava numa esquina com a dona Arminda.

— Tenho a impressão de que nunca se saberá. A rapariga não tem juízo para saber dizer.

— Alguém havia de fazer alguma coisa.

— Acho que o pastor John e a mulher já foram à esquadra falar com o sargento Nunes, mas diz a lei que tem de ser a rapariga a apresentar queixa, caso contrário, não podem fazer nada.

— Pobre coitada. Quem é que vai tratar do bebé? Mais um para o orfanato.

A conversa, que ouvi por acaso enquanto voltava de casa da Sara, pôs-me doente. Imaginar um bebé indefeso, sem história nem pecados, não crescer perto da mãe? A vida às vezes não parece ser justa. É tão triste. A avó costuma dizer:

— Para quase tudo na vida tem de se ter sorte, mas sobretudo muita sorte com o sítio onde se nasce e de quem se nasce.

Acho que começo a entender. Há tanta gente no mundo, não podemos ser todos bons. Por exemplo, esta tal «Francesa» parece ser má como as cobras. Também foi a avó que me contou:

— É de muito má rês. Há uns anos, na terra onde ela vivia, um homem que costumava andar na berma das estradas foi atropelado e cuspidado para o meio da estrada por um carro e, sem ter tempo para se desviar, um autocarro da Carris passou-lhe por cima da cabeça com a roda da frente. Ora, esta serigaita era uma das passageiras que assistiu a tudo, e disse à família do homem que se fosse preciso ia a tribunal contar o que tinha visto. A família, que queria justiça pela morte do inocente, ficou-lhe muito agradecida e disse que dali a uns dias iam a casa dela para combinar os procedimentos. Assim ficou. No dia em que a mulher do defunto lhe foi bater à porta, era o estavas: a madame tinha sido vista a sair de madrugada com tudo o que tinha em malas de viagem e nunca mais deu à costa. Alguém lhe encheu os bolsos para se calar e ela aceitou. Vadia.

Chegada a casa, resolvi perguntar à minha mãe o que significava ser violada.

— Onde ouviste falar disso, Martinha?

— Ouvei a conversa da dona Arminda com a Francesa. Estavam a falar da Etelvina.

— É um assunto muito sério. Ainda não queria falar-te sobre isso... Há pessoas que não respeitam o espaço das outras. E quando digo espaço, é também o corpo ou a vontade da outra pessoa. Violar é abusar, ultrapassar todos os limites toleráveis. Compreendes?

— Acho que sim, mãe. — Não tinha a certeza de ter compreendido, o respeito ainda é um assunto confuso para mim. — Não podes ajudá-la, mãe?

— É uma situação complicada, querida. Gostava que não ficasses a pensar nisso.

— Ela vai ficar sem o bebé?

A minha mãe deu-me um abraço e respondeu-me «não sei» com o olhar.

Nessa noite, sonhei que corria num imenso descampado, vestida com uma saia demasiado comprida para a minha altura. Sentia as pernas a falharem-me, a respiração ofegante e ao longe ouvia alguém chamar-me, uma voz familiar, mas que, ainda assim, não conseguia identificar. Continuava a correr, aflita, atenta, na esperança de encontrar quem me procurava, até que caí num buraco fundo. A tal voz tinha-se calado, envolvia-me um silêncio denso e pesado. No meio da escuridão, vi acender-se uma luz ténue que se movia suavemente como que a indicar-me o caminho. Levantei-me a custo e segui-a. Rapidamente, transformou-se num clarão e os meus olhos arregalaram-se quando me deparei com uma pintura antiga, de cavalos e figuras humanas. Pareciam estar a dançar, segurando paus nas mãos, como num ritual de adoração, à volta do corpo de uma mulher grávida.

Ao pequeno-almoço, contei o sonho ao avô.

— Olha que engraçado, queridinha, isso faz-me lembrar uma aventura que vivi em Moçambique, na vila de Manica, quando

lá estive numa construção em Chimoio. Diziam que no cume do monte Chinhamapere as pedras eram monumentais e que tinham sido desenhadas pelos primeiros homens da Terra. Foi em África que o mundo começou, sabias? Pois bem, para se subir tínhamos de pedir autorização à guardiã da aldeia, a quem chamavam «mamã». Se engraçasse connosco, guiava-nos monte acima, descalça. Passámos no teste, eu e os meus colegas. Andámos mais de uma hora para lá chegar, mas ninguém se arrependeu, valeu o esforço. Depois de nos desviarmos de pedras pontiagudas, ramos de árvores ataçados e de sobrevivermos ao calor intolerável, avistámos uma clareira e nela estava o inimaginável. Pedras, enormes, sim, cobertas por pinturas misteriosas como as do teu sonho. A mamã agradeceu de joelhos aos deuses a permissão de poder usufruir mais uma vez daquele aparato, e todos nós nos benzemos de lágrimas nos olhos. Ainda hoje tenho a imagem gravada na minha memória, como uma fotografia nítida, resistente à passagem do tempo.

— Uau, avô! — Não me ocorria dizer mais nada, como tinha eu sonhado com algo que nunca tinha visto?

— Os teus sonhos são muito curiosos, queridinha. Sabias que há um provérbio africano que diz que é preciso uma aldeia inteira para criar uma criança?

Era isso mesmo! A nossa aldeia podia unir-se e ajudar a Etelevina a cuidar do seu bebé.

VI

Vizinhança

No dia seguinte, ao chegar a casa ao final da tarde, encontrei os meus pais e avós no alpendre numa conversa animada sobre o coxo das moedas, o Coxo Pilim, como eu gostava de lhe chamar. Era o vizinho mais antipático da aldeia. Vivia numa casa grande com a mulher, que nunca se via, tinha um carro vermelho e andava de muletas, mas só em algumas ocasiões. Era um fingido do pior. Todas as manhãs saía de casa a pé até à paragem de autocarro, rumo à cidade, para se pôr à porta da estação de comboios a pedir esmola. Sim, a pedir dinheiro às pessoas que por ali passavam e que certamente precisavam mais daquelas moedas do que ele. A minha avó e a minha mãe tentavam pôr água na fervura dizendo que o pobre coitado não devia ser bom da cabeça, ou se calhar tinha uma dívida antiga por pagar e precisava mesmo de ajuda. O meu pai e o meu avô chamavam-lhe descarado e ordinário. Era uma vergonha o que ele andava a fazer e alguém deveria acabar com aquela situação.

— Um dia, atiro-me a ele — dizia o meu pai. — Não suporto que ande a gozar com quem trabalha. É um mandrião, andam os outros a trabalhar para lhe dar moedas. Uma pouca-vergonha.

Eu também achava o homem detestável, até porque, se por acaso calhava brincarmos em frente à sua casa, vinha à varanda mandar vir e dizer que chamava a polícia se não saíssemos dali. Traste. Nunca se soube a história dele, nem da mulher, se é que realmente existia. Vi-lhe uma madeixa de cabelo uma única vez numa das janelas que davam para a parte da frente da casa. Também não havia testemunhas da existência da família ou qualquer tipo de visita e nunca ninguém mantivera uma

conversa mais profunda do que um mísero boa tarde com ele. Eu guardava a esperança de um dia descobrir algo ainda mais vergonhoso do que o facto de ele não ser coxo. Quem sabe se teria matado alguém, se mantinha a mulher e os filhos presos na cave ou se seria um agente secreto dos tempos do Hitler.

Mas com quem a avó embirrava mesmo era com a tal da Francesa, porque além do passado duvidoso, esta solteirona era dona de um cão minúsculo e bastante feio, cheio de peladas, que fazia chichi e cocó em todos os cantos. Ela, por oposição, tinha um longo e luzidio cabelo preto, amarrado com uma mola em formato de rosa, e o cheiro do seu perfume podia adivinhar-se ainda ela estava a sair de casa. O avó preferia chamar-lhe «serigaita», pelo ar emproado com que olhava para as pessoas e a altivez nas respostas. Tinham deixado de se cumprimentar há uns meses, após o episódio do passeio. A avó lavava todos os dias o pátio da frente e, aproveitando o embalo, lavava também o passeio público, junto ao nosso portão. Já não era a primeira vez que lhe cheirava a urina ou que tinha de usar uma vassoura mais forte para raspar os restos mortais das fezes do animal. Naquela manhã, ainda as pedras da calçada estavam molhadas pela água com detergente, a Francesa permitiu que o raio do bicho alçasse a perna e esvaziasse a bexiga ali mesmo, ambos com um ar desafiador. A avó, respeitando a sua classe e bom-senso, dirigiu-se ao bicho:

— Fazes o favor de dizer à tua dona que não é aqui que se mija?

E virou costas, impossibilitando assim qualquer tipo de conversação ou espaço de resposta.

Ao contrário destes detestáveis vizinhos, havia o senhor Alberto, talvez o mais simpático habitante da aldeia. Tinha emigrado para França, mas regressava às raízes antes do verão para cuidar da casa e estar com a família. Tinha um sorriso rasgado, com uns dentes brancos, talvez fosse uma dentadura, e falava

de forma carinhosa com toda a gente. Para além destes atributos, era o único que tinha uma piscina verdadeira. Uma das suas primeiras tarefas era fazer a limpeza à água, e a época de banhos era inaugurada, normalmente, por uns sobrinhos. A partir do meio de junho o calor era insuportável, eu e a Sara passávamos os fins de semana como lagartixas, esparramadas no chão de mármore da minha casa à espera que refrescasse.

Num dos sábados mais quentes daquele ano, a Sara teve a ideia de pedirmos com jeitinho ao senhor Alberto se era possível darmos um mergulho na sua piscina. Fomos lentamente, como que a ganhar coragem, andando até à rua amarela, a rua da casa do nosso futuro salvador.

— Eu toco à campainha e tu pedes-lhe, OK? — disse eu.
— Tenho vergonha, vá lá, por favor, Sara.

Toquei à campainha e escondi-me atrás das costas da minha amiga. Ele demorou a abrir a porta e as nossas esperanças já estavam a evaporar-se quando ouvimos a sua voz afável dizer:

— Olá, meninas, estão boas? Precisam de alguma coisa?

Dei um encontrão à Sara e disse-lhe baixinho:

— Vá, responde.

Ligeiramente engasgada, ela lá lhe pediu se podíamos molhar os pés na piscina. Perguntou-nos se sabíamos nadar e ambas assentimos. Menti, eu ainda não sabia nadar.

A piscina tinha o formato da letra L e claramente eu só teria pé junto às escadas da entrada. Entrei vagorosamente e fui testando o limite até onde me poderia aventurar. Mas ao ver a facilidade com que a Sara avançava na piscina, pensei que talvez estivesse na hora de dar aos braços, como via fazerem nas provas de natação a que o meu pai assistia na televisão. Inspirei e dei um impulso com os pés de forma a que o meu corpo ficasse paralelo à água, e resultou.

Rapidamente, comecei a empurrar a água para trás com as palmas das mãos, juntei os pés e ali estava eu a navegar. De queixo

levantado, chamei a Sara, num tom orgulhoso, para ela comprovar a minha proeza

— Sara! Olha, pareço uma rã!

O seu sorriso juntou-se ao meu, e quem nos visse só poderia pensar que assistia a um momento de imensa felicidade entre duas miúdas que gostavam verdadeiramente uma da outra.

— Não pareces uma rã, parecemos sereias.

— Nunca pensei que isto fosse assim tão fixe.

Até que, inesperadamente, o nariz da Sara começou a jorrar sangue, como uma fonte do inferno. Eu, que não podia ver nem uma gota sob o prejuízo de desmaiar nos segundos seguintes, vi-me obrigada a gritar por socorro o mais alto que consegui. Junto ao muro da casa do senhor Alberto, surgiu uma cabeça e imediatamente a seguir, de um salto, o pastor John aterrou no quintal. Veio a correr e puxou a Sara para fora de água. Limpou-lhe a cara e o pescoço com um lenço e, em silêncio, examinou-lhe o interior do nariz.

— Não é nada de mais, foi um vaso que deve ter rebentado com o calor. Deixa ficar este bocado de papel na narina e isso já passa.

Agradecemos-lhe, estarecidas pela prontidão do socorro. Fiquei a pensar que talvez os padres sejam uma espécie de anjos da guarda e que aparecem onde são precisos na altura certa.

Ainda que não seja exatamente padre, mas pastor da Igreja Batista, o pastor John é americano e pai de quatro filhos, todos mais velhos do que eu. Vivem ao fundo da rua paralela à nossa, numa casa geminada e, como quase toda a gente na América, é um homem muito alto, de mãos grandes, rosto ossudo e olhos gentis, acho eu. Ou talvez seja eu a inundá-lo de adjetivos por ele ter uma relação privilegiada com Deus. Passa o pouco tempo livre que tem a construir uma canoa na garagem. De vez em quando gosto de ir até ao quintal deles e, debruçada no portão, fico a vê-lo trabalhar a madeira. Faz-me o relato dos passos que dá e o que lhe falta fazer, e eu finjo entender.

— Agora tenho de lixar esta parte aqui para ficar lisinha, sem farpas, e só no final é que se passa o verniz.

Além da canoa, têm um trampolim, patins, um piano vertical na sala, tudo vindo da América, e, na suite do casal, um colchão de água. Nunca tinha ouvido falar de colchões sem serem de molas e a minha curiosidade era danada para o experimentar, não via era como é que isso poderia vir a acontecer. Quem me tinha revelado este pormenor tinha sido a Rute, claro, uma das miúdas do outro bairro, a rapariga mais alcoviteira e intrometida que alguma vez conheci. Não faço ideia de como soube desta intimidade, mas não me admira que um dia lhes tenha simplesmente entrado pela casa adentro e se tenha posto a vasculhar as divisões, fazendo perguntas inoportunas.

Às vezes, o padre John ou a Mary, a sua mulher, viam-me a cirandar por ali e convidavam-me a entrar. Ofereciam-me bolachas com bocadinhos de chocolate, deixavam-me saltar no trampolim e tocar umas notas no piano. Eu sentia-me muito bem na companhia deles e gostava da decoração tão diferente da nossa, sofás forrados com tecidos de cores vivas, papel de parede às flores e algumas modernices, como, por exemplo, o frigorífico com duas portas e um orifício por onde saía gelo, ventoinhas nos tetos e bibelôs de animais selvagens. O filho mais novo, o Tom, era um rapaz robusto, muito loiro, de olhos azuis e bastante alto. Tinha borbulhas na cara, próprias da idade, era afável e educado. Gostava de jogar basquete, mas era uma nódoa no futebol. Os miúdos costumavam organizar torneios ao domingo e raramente o queriam na equipa. Diziam que tinha força a mais e que os pés eram como tábuas de madeira. Eu tinha pena dele e tentava a todo o custo fazer-lhes ver que mais tarde seria uma peça-chave para ganharem nos jogos de basquete, havia que fazer um esforço. Mas certo dia aconteceu um episódio complicado. Ao final da tarde, nos minutos finais de um desses jogos, o Tom acertou mal na bola e esta foi em direção ao céu, apanhando os fios

de eletricidade de um dos postes. Entrelaçaram-se, tal foi a força, o que provocou um curto-circuito monumental na aldeia, que só no dia seguinte se deu conta de todos os estragos. Em nossa casa queimaram-se o micro-ondas e a máquina de lavar roupa, e em quase todas as casas alguma coisa tinha ido ao ar.

A família ficou desolada, a toda a hora chegavam-lhes vizinhos com queixas e, lentamente, iam-se apercebendo de que o prejuízo ia ser astronómico. Também eu fiquei desolada, não mereciam que lhes acontecesse aquela desgraça. Os meus pais, por simpatia, disseram-lhes que podiam adiantar o dinheiro do arranjo e que mais tarde fariam contas, para não ser tudo ao mesmo tempo. Agradeceram muito e acabaram por aceitar a oferta. Penso que devem ter demorado alguns meses até conseguirem pagar por completo os estragos a toda a gente. O Tom deixou de jogar futebol e durante várias semanas não tocou na bola de básquete.

«Olho muitas vezes para o céu à noite e dá-me uma comichão dentro da barriga. Fico atordoada, porque o céu é escuro e enorme, e, acaso caísse, eu ficaria embrulhada, sufocada pelas estrelas.»

Marta tem 9 anos e uma dentição variável — pelo menos é o que nos garante. Detesta a escola mas cresce livre, no campo, por vezes feliz, outras, assombrada por personagens reais e imaginadas. As reais, em forma de adultos assustadores cujas existências não compreende, e as outras, criadas por uma imaginação de quem cresce com muito tempo para pensar.

Numa narrativa ora terna, ora melancólica, ora carregada de humor, Rita Redshoes usa a própria infância para construir uma história com tanto de verdade como de ficção, lembrando em iguais medidas *Tom Sawyer* e *O Meu Pé de Laranja Lima*: a viagem de uma menina que se descobre enquanto tenta perceber o mundo.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN: 978-989-583-657-4



9 789895 836574